

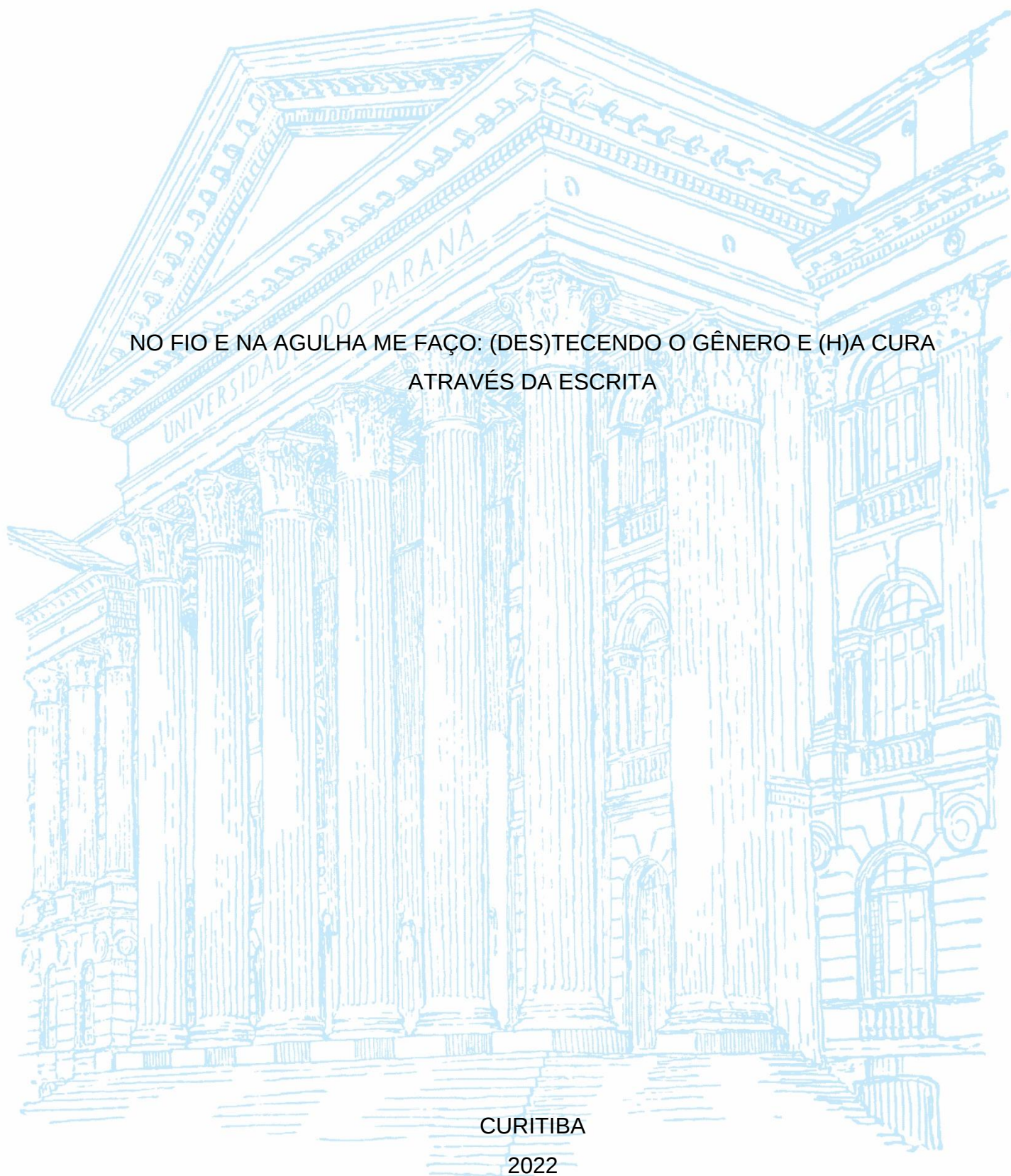
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCÍ A GUERRA TREVISAN

NO FIO E NA AGULHA ME FAÇO: (DES)TECENDO O GÊNERO E (H)A CURA
ATRAVÉS DA ESCRITA

CURITIBA

2022



LUCÍ A GUERRA TREVISAN

NO FIO E NA AGULHA ME FAÇO: (DES)TECENDO O GÊNERO E (H)A CURA
ATRAVÉS DA ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCÍ A GUERRA TREVISAN

TÍTULO DO TRABALHO

TCC apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof(a). Dr. Jamil Cabral Sierra
Orientador(a) – DEPLAE - UFPR

Prof(a). Dr^a Andrea Cordeiro
Avaliadora: DEPLAE - UFPR

Curitiba, 09 de maio de 2022.

A mim mesma.
Quem fui,
quem eu sou e
quem um dia serei.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto de uma mente extremamente inquieta que ao longo do seu percurso acadêmico perseguiu de diversas formas a sua curiosidade até se encontrar na arte.

De tal forma, sinto na obrigação de agradecer à minha família, principalmente à minha mãe, Neuza de Oliveira Guerra, que lutou ao meu lado para que fosse possível chegar até aqui.

Tive professores e professoras que foram fundamentais na minha jornada: Ângela Scalabrin, Carolina dos Anjos, Lennita Ruggi, Lucimar Dias, Megg Rayara de Oliveira, Paulo Nogueira (UFMG), Marco Aurélio (UFMG). Com todos vocês aprendi diferentes formas de lutar por uma educação que interesse a todos os corpos que fogem as tentativas de regulação da norma.

Ao Jamil Cabral Sierra, meu professor orientador. Obrigada por me mostrar que outros caminhos podem ser percorridos, pelo acolhimento e pela parceria, e principalmente por suas palavras que me encheram de coragem para andar no terreno da dúvida.

Um agradecimento especial à Andrea Cordeiro Cigarra. Você foi a primeira a colocar um fio e uma agulha nas minhas mãos e com sua ajuda fiz meus primeiros arremates. Quando fui tomada pela angústia me disse “Você é um barco em plenas condições de navegar”.

À quandonde – intervenção urbana em arte, principalmente à Diego Elias Baffi (UNESPAR) e Juliana Lima Liconti (UNIRIO) pelas trocas e ensinamentos dentro dessa plataforma que foi o que me manteve viva e cada vez mais desejosa de atuar e estudar arte. Lar é sempre ter para onde voltar.

À Casa do Pai Chico. Principalmente ao Pai Thiago Inácio da Silva e os guias que trabalham através dele, o Pai Chico das Almas e o Seu Tucuruvu e à mãe Bruna do Amaral e o guia Seu Branca Lua. Estes que tem zelado e me conduzido pelo meu desenvolvimento espiritual. Sem seus conselhos eu não estaria tão forte para perseguir meus objetivos e enfrentar os desafios dessa jornada.

Ao meu terapeuta Matheo Bernardino, por ter me ajudado a caminhar pelo labirinto da minha mente.

Aos meus amigos (peço desculpas se eu esquecer alguém, a memória as vezes é nossa inimiga): Ana Heloise, Gabriela Valcanaia, Matteo Nanni, Rafaela

Sochodolak, Mical Kairós, Sarah França, Viniciux da Silva, Janaína Caroline, Marcos Vinicius, Lucas Lopes, Brunna Ramos, Flavia Sennes e Igor Francisco. Pelo carinho, pelos abraços, por terem segurado meu rosto e limpado meu choro. Por terem me lembrado que a vida ela exige coragem, e quem tem medo, vai com medo mesmo.

A todos vocês, muito obrigada!

Como explicar o que me acontece? O que fazer com o meu desejo de transformação? [...] Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto. [...]. Aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época. (Paul B. PRECIADO, 2018, p. 23)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos (1) promover um processo de auto biografia propondo reflexões políticas, acadêmicas e existenciais sobre o corpo e a identidade de gênero, assim como tecer reflexões auto teóricas que atravessam as produções artísticas desta estudante de pedagogia; (2) analisar e conceituar os dispositivos de poder cisnormativos que exerceram colonialidades sobre esse corpo; (3) pensar e propor possibilidades políticas de resistência na escrita acadêmica e poética como enfrentamento a sistemas de poder-saber constituídos de forma interseccional.

Para cumprir tais objetivos, neste trabalho de conclusão de curso, a autora propõe o movimento de escritas de cartas e bilhetes para o pretérito em diálogo com a sua produção artística feita durante o período de isolamento social articulando com conceitos chaves de análise para promover possibilidades de cura através da escrita acadêmica, em contraponto a produção de saberes que estabelecem colonialidades de saber-poder e que operam através de sistemas de produção de conhecimento.

Palavras-chave: 1. autobiografia trans e travestis; 2. pedagogias decoloniais; 3. transgeneridade e identidades dissidentes; 4. Epistemologias transcentradas.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo (1) promover un proceso de auto biografía proponiendo reflexiones políticas, académicas y existenciales sobre el cuerpo y la identidad de género, así como tejer reflexiones auto teóricas que atraviesen las producciones artísticas de esta estudiante de pedagogía; (2) analizar y conceptualizar los dispositivos de poder cisnormativo que ejercieron colonialidades sobre este cuerpo; (3) pensar y proponer posibilidades políticas de resistencia en la escritura académica y poética como confrontación a los sistemas de poder-saber constituidos interseccionalmente.

Para cumplir con tales objetivos, en este trabajo final, la autora propone el movimiento de escribir cartas y notas al pasado en diálogo con su producción artística realizada durante el período de aislamiento social, articulándose con conceptos claves de análisis para promover posibilidades de sanación a través de la escritura académica, en contrapunto a la producción de conocimiento que establece colonialidades de poder y opera a través de sistemas de producción de conocimiento.

Palabras clave: 1. autobiografía trans y travesti; 2. pedagogías decoloniales; 3. transgeneridad e identidades disidentes; 4. epistemologías transcitradas.

ABSTRACT

This work aims to (1) promote a process of auto biography proposing political, academic and existential reflections about the body and gender identity, as well as weave auto theoretical reflections that cross the artistic productions of this pedagogy student; (2) analyze and conceptualize the cisnormative power devices that exercised colonialities on this body; (3) think and propose political possibilities of resistance in academic and poetic writing as a confrontation to these intersectionally constituted power systems.

To accomplish these objectives, in this final paper, the author proposes the movement of writing letters and notes to the past in dialogue with her artistic production made during the period of social isolation, articulating with key concepts of analysis to promote healing possibilities through academic writing, in counterpoint to the production of knowledge that establishes power-knowledge colonialities and operates through knowledge production systems.

Keywords: 1. trans autobiography; 2. decolonial pedagogies; 3. trans and dissident identities; 4. transcentered epistemologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Não é possível ver o fim com tantas repetições.</i> Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10,2x15 cm, 2021. Frase de Mical Kairós, Foto de Felipe Moraes, Texto e intervenção de Lucí A GUERRA.....	25
Figura 2: <i>Crionça: aventuras de uma bixa selvagem.</i> Técnica Mista (colagem, bordado em fotografia analógica com meada de algodão, meada metálica e cabelo). 29,7x21cm, 2021.....	26
Figura 3: <i>Cuidado: HeteroCISsexuais aterrorizam crianças com fantasmas do patriarcado.</i> Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10x7cm, 2021.....	28
Figura 4: <i>Série Narrativas de Si: SEU SEGREDO IGNORADO POR TODOS ATÉ PELO ESPELHO.</i> Técnica Bordado em fotografia analógica com cabelo. 16x23 cm, 2020.	34
Figura 5: <i>Série Narrativas de Si: UMA MARCA PERPETUA UMA IDENTIDADE = CISGENERIDADE EM DECADÊNCIA.</i> Técnica Bordado em fotografia analógica com cabelo. 23x16cm, 2020.	34
Figura 6: <i>Fraternidade começa na dor que se partilha.</i> Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10x7cm. 2021	39
Figura 7: <i>TRANSVIADA.</i> Bordado em fotografia analógica com meada metálica algodão. 10x15cm. 2020.	42
Figura 8: <i>a educação é móh viagem.</i> Técnica Mista (colagem analógica e lápis de cor). 29,7x21cm, 2020.	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 AUTOBIOGRAFIA E A ÉTICA PAJUBARIANA DO RELATO	19
2.1 A ÉTICA PAJUBARIANA.....	22
3 UMA LEMBRANÇA, UM BILHETE, UM AVISO I: UMA PEQUENA NOTA.....	24
4 RESGATANDO O PASSADO: ALGUNS RELATOS DE BATALHA	25
4.1 CARTA ÀS CRIONÇAS E AS INFÂNCIAS SELVAGENS.....	25
4.2 CARTA ÀQUELAS QUE SUSSURRAM SEUS NOMES EM SEGREDO	32
4.3 CARTA ÀS BIXAS QUE ESTÃO SAQUEANDO O TERRITÓRIO INIMIGO	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM É SÓ UM COMEÇO.....	45
6 UMA LEMBRANÇA, UM BILHETE, UM AVISO II: UM MANIFESTO	50
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz numa viagem interestelar: traduzir nossa diferença para a linguagem da norma enquanto continuamos a praticar em segredo um blá-blá-blá insólito que a lei não entende. (Paul B. PRECIADO, 2019, p. 22)¹

Preciso chamar essa escrita não de Trabalho de Conclusão de Curso, mas de Trabalho de Cura de um Curso e Em Curso. Digo isso porque esse trabalho é uma rota de fuga, e a “fuga só acontece porque é impossível” (Jota MOMBAÇA, 2021).

Ao longo do meu percurso acadêmico na pedagogia fui me dando conta que as operações discursivas que atravessam o meu corpo, sequestraram minha mente e me mantiveram em um calabouço e por isso essa escrita é meu próprio resgate. É o melhor que posso tirar de mim ao buscar um texto que seja bálsamo para as feridas desse processo.

O meu encontro com a pedagogia foi o de um corpo extremamente machucado pela pergunta “quem sou eu?”. Nesse movimento de buscar a academia com a vontade e o desejo ardente de pensar o mundo criticamente, até fui encontrando algumas respostas. Contudo, quando a forma única como eu conhecia o mundo foi totalmente desestabilizada (Bell Hooks, 2013), me percebi ainda mais encantada pela variedade de lugares que as dúvidas me levaram.

Houve também o desencanto devido aos poucos encontros com professoras ao longo do curso preocupadas em aliar o ensino a uma prática. O que Hooks (2013) chama de “práxis de uma pedagogia crítica” - uma pedagogia que se opera na desobediência contra o fazer hegemônico das instituições superiores. Ao mesmo tempo, é por conta desses pequenos encontros que há em mim um desejo permanente de operar através da teimosia, da insurgência e da desobediência.

Vejo também que a desobediência epistêmica é uma prática que se repete na experiência de corpos transgressores e traidores do pacto heteroCISsexual². De

¹ Sigo aqui o movimento proposto por Megg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2020) e irei transcrever o nome completo das autoras na primeira citação delas como forma de giletar o pacto acadêmico e trazer visibilidade para as pesquisadoras. Destaco também que sempre que irei escrever trabalhando para flexionar no feminino da linguagem como uma forma de me colocar no texto, ainda que eu veja que utilizar o feminino não quebra com o binarismo de gênero, mas veja sua potência no ato de questionar a dominação masculina na produção acadêmica.

² Adoto essa grafia, porque compreendo a heterossexualidade e a cisgeneridade como regimes políticos que se retroalimentam de forma simbiótica, ou seja, não é possível analisar a experiência de corpos dissidentes sem apontar a influência simultânea desses dois regimes.

forma que esse trabalho é também a quebra do acordo acadêmico - um acordo que diz que o trabalho de conclusão de curso é quando uma estudante se dedica a perseguir uma pergunta. Logo, decido perseguir a mim mesma, como a grande confusão que meu corpo habita enquanto identidade de fronteira.

Como perseguir uma pergunta, uma vez que habitar a fronteira é habitar constantemente o terreno da dúvida? A resposta se encontra, para mim, na construção de uma autobiografia memorialística através do campo das minhas experiências. Tenho como objetivo principal me aprofundar de forma interseccional nas normas que produzem os meus atravessamentos identitários. Indo além: ao escrever a perspectiva da experiência, questionar essa suposta neutralidade acadêmica e discursiva que reproduz essencialismos e binarismos.

Como afirma Abigail Campos LEAL

me curo y me armo, estudando. a caneta que sublinha palavras de um livro estudado é a mesma que fura a perna de um agressor y o canivete que rasga a pele é o mesmo que talha o nome de duas pessoas trans dentro de um coração na porta de um banheiro sujo de bar. tudo isso é estudo y esses estudos fazem parte da mutação de uma época. isso se fareja. sigo estudando y encaro isso como um momento de cura y de guerra contra o apocalipse branco cishétero. (2020, p. 70)

Ao propor uma autobiografia que se opera no ensaio, entendo que “o ensaio pode ser tomado como uma linguagem da experiência, como uma linguagem que modula de um modo particular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade” (Jorge LARROSA, 2004, p. 31). Além disso, também “proponho-me a pensar sobre fronteiras, limites e aproximações entre arte, produção científica e exposição de [mim mesma].” (Rosa Maria Bueno FISCHER, 2005, p. 117)

Ao tratar de um exercício analítico de me inventar e de interpretar os discursos que ditaram sobre uma parte da minha vida e que educaram o meu corpo (Guacira Lopes LOURO, 2019), revisito em especial produções que tenho feito no campo das artes visuais (principalmente usando tecnologias têxteis, fotografias e colagens analógicas), uma vez que o meu fazer artístico é muito mobilizado também pelo meu fazer pedagógico, ou seja, a minha cura é também a minha auto curadoria.

Entendo que minha experiência é - sem romantizar a dor - uma posição epistemológica privilegiada, uma vez que localizada dentro de estruturas sociais, minha condição de existência garante um status sociológico que me permite certas

elaborações teóricas sobre as próprias estruturas (Rachel MCKINNON, 2015, apud. Viviane VERGUEIRO, 2015, p. 27) e os múltiplos atravessamentos identitários e marcadores sociais (Megg Rayara de Gomes OLIVEIRA, 2020) que produziram a mim e a minha subjetividade.

Quem dera todas as minhas colegas de curso pudessem ter a prerrogativa discursiva de poder pensar a si mesmas, de pensar sobre seus corpos e os atravessamentos que os completa de sentido.

Por me construir na dissidência, percebo que, para esses corpos que se produzem e escondem a própria produção, o movimento de inventariar-se (ou auto ficcionar-se) não é um exercício fácil, uma vez que é também um deslocamento da posição confortável dentro da norma que a maioria delas vive.

De certo modo tenho uma desconfiança e uma dificuldade em me afirmar como pedagoga, ainda que eu escreva pleiteando o reconhecimento de meus pares como alguém que pensa e vive a educação. Sinto que a poeira que se ergue quando essa palavra cai sob meu corpo não consegue se decantar sob a pele. Ou talvez, com alguma confiança eu posso afirmar que faço parte do grupo de pessoas que estão produzindo pedagogias para um novo tempo, estudos que produzem pistas e deixam rastros, e essa desconfiança é o medo que se tem frente ao desconhecido.

Desde 2020, onde o distanciamento social se fez realidade durante a pandemia de Covid 2019, a arte tem sido minha rot(in)a de fuga, e vejo a minha identidade como a Hidra: cada vez que corto uma cabeça muitas outras nascem do lugar.

Pedagoga, educadora, professora? Artista, arteira, educa-dor-a? Travesti, não binária, transgressora? Esses são alguns dos exercícios na operação da linguagem escrita que eu rapidamente me permito fazer para indicar a jornada que seguirei nesse texto.

Não vi outro caminho além de buscar uma escrita que resgate e constitua os atravessamentos que constroem minha identidade social (José KUIAVA; Jamil Cabral SIERRA; Juslaine de Fátima Nogueira WIACEK, 2009). Uma identidade que foi praticada durante muito tempo em uma negociação com o segredo e com o silêncio.

Para explicar como esse texto irá se estruturar, o que planejo fazer é um movimento de escrita de cartas ao pretérito, na intenção de conversar com o meu próprio passado e com as múltiplas identidades que adotei ao longo da vida.

Juntamente com essas cartas, irei endereçar algumas peças que bordei dentro do meu estudo de bordado em fotografia - uma vez que as minhas peças e a forma como eu me aproximo da arte estão também muito marcadas pela forma como eu me aproximo da educação.

O motivo da escolha de cartas? Elas podem ser curtas como bilhetes, urgentes como telegramas que informam a situação de um campo de batalha ou longas como correspondências entre amantes. É uma forma de se apresentar, de se conhecer. É a possibilidade de decantar o meu afeto.

Essas cartas, entretanto, não irão só para mim. Também pretendo endereçá-las a algumas pessoas que, com seus discursos, representam estruturas de pensamento que implantaram bombas em minha mente e minaram meu inconsciente. Uma vez que esse texto é também um projeto de cura, ele será também um desarmar de medo. Por isso, afirmo: a guerra ontológica é uma guerra travada no inconsciente.

E se não tivermos a escolha de adentrá-la (Jota MOMBAÇA, 2021), que busquemos na teoria o máximo de armas possíveis para sobrevivermos a ela.

2 AUTOBIOGRAFIA E A ÉTICA PAJUBARIANA DO RELATO

Ter sempre em mente que a forma como se escreve (ou se fala) está articulada, intimamente, à forma como se pensa e se conhece. (LOURO, 2007, pg 236)

Antes de começar a entrar nas memórias que trarei para esse trabalho através de cartas e das minhas tramas em fotografias, é necessário tecer algumas elaborações acerca das noções de autobiografia, marcada pela produção de saberes trans e por uma ética do relato.

Irei também buscar um diálogo com a interseccionalidade, debates do campo do gênero e da sexualidade, bem como saberes reflexivos do campo da arte, principalmente no que vem sendo debatido acerca da fabulação crítica e imaginação radical preta e travesti, além de pensar aproximações desse debate com o campo da educação.

De tal forma, começo com essa citação para dar início a reflexão da linguagem e do discurso, pois entendo que é através do discurso que nossos imaginários são invadidos e colonizados.

De modo que questiono: é possível trair as palavras que dizem sobre nós? Como achar caminhos para pensar sobre mim e o meu corpo tendo como ferramenta a língua que me coloniza? Como disse anteriormente, a escrita é também uma fuga, mas para fugir é necessário um estudo do terreno para traçar rotas.

Quando comecei minhas primeiras elaborações sobre o que escreveria no meu trabalho de cura de curso, eu sabia que queria me enveredar por caminhos sem a necessidade de responder a perguntas.

Também fiquei receosa, em um primeiro momento, de usar uma série de cenas da minha experiência de vida ecoando a pergunta levantada por Saidiya HARTMAN (2020, p. 18): “como se revisita a cena de sujeição sem replicar a gramática da violência?” Ou seja, como posso contar sobre a minha experiência sem entrar em um aspecto descritivo das memórias dos meus traumas?

Acredito que a potência central desse trabalho é a possibilidade de utilizar o relato como ferramenta de análise e metodologia de pesquisa e produzir uma ação de movência de um corpo que é falado para um corpo falante (Sofia FAVERO, 2020) e considerando a mais “adequada para articular as dimensões individuais aos fenômenos de caráter mais amplo” (Marcio CAETANO, 2016, p. 33 apud OLIVEIRA, 2020, p. 45).

Ainda nesse sentido é possível afirmar que

a trajetória de vida vai para além do sujeito central que conduz a narrativa (auto)biográfica. [...] Se entendermos que a constituição da identidade é relacional, as biografias dos sujeitos poderão ser conectadas/comparadas com as narrações de outras histórias de vida, numa dinâmica que supõe ir além da sucessão cronológica individual ou da constituição da trajetória de vida (CAETANO, 2015, p. 33 apud OLIVEIRA, 2020, p. 45)

Contudo, como disse anteriormente, não pretendo aqui entrar apenas numa lógica descritiva do relato, uma vez que entendo que essa expectativa é criada dentro de uma lógica de produção de conhecimento cisnormativa que dita que meu corpo e a fala que sai dele deve ir no sentido de me afirmar dentro da minha identidade (VERGUEIRO, 2015), por isso escrevo na tentativa de tentar borrar a fronteira (OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, começo já me reconhecendo como a instabilidade, como o corpo que aponta para a insuficiência da norma de regular todos os corpos (Judith BUTLER, 2019). Por isso, caminhar sobre as fissuras das estruturas que ordenaram

e conduziram o meu percurso e que educaram meu corpo é um fazer pedagógico que vai na direção de uma ação analítica de complexificar a própria narrativa.

Vou elaborar de tal forma: posso dizer que eu sou uma travesti não binária bissexual, de 25 anos, filha mais nova criada por uma mãe solteira que dedicou seu tempo ao trabalho para garantir minha existência e, por isso, fui criada por minhas irmãs. Frequentei a escola pública e fui obrigada a frequentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, congregação que larguei depois. Precisei trabalhar desde os 14 anos e, aos 17, decidi que seria professora. Por isso ingressei no curso de Química, depois troquei para a Pedagogia e hoje em dia estudo arte e design. Todavia, ao dizer tudo isso, não estou a dizer quem sou (Hija DE PERRA, 2015).

Estou a dizer sobre uma identificação dentro de um grupo de categorias da qual eu faço parte, sendo também uma transgressora de gênero e dissidente sexual, que foi criada em uma experiência que representa o fracasso da família mononuclear e que conviveu e cresceu com a culpa cristã. Também estou falando sobre o acesso à um currículo organizado pelo Estado e que fez escolhas acadêmicas com a esperança de conseguir alguma distinção e ascensão social através de um diploma acadêmico de licenciatura.

Essa brincadeira reordenativa e de reescrita acontece justamente para pensar sobre as articulações no campo da linguagem e a operação ensaio. O “ensaio pode ser tomado como uma linguagem da experiência, como uma linguagem que modula de um modo particular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade.” (LARROSA, 2004, p. 31).

De tal modo, a autobiografia também pode ser interpretada como um movimento orientado que vai em direção a uma ficção autopolítica ou autoteórica, uma vez que esse registro é um exercício de análise de atravessamentos externos a mim, sem a necessidade de buscar uma verdade ou uma resposta definitiva às minhas inquietações, uma vez que refletir a si mesmo é também um modo de (des)construção de uma subjetividade. (PRECIADO, 2018).

As escritas opacas desse trabalho são registro de um corpo atravessado pela vontade constante de se elaborar, e que encontra na teoria um espaço de cura. Por fim, é bom perceber que a “experiência vivida de teorização é fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, ou liberação coletiva, não há intervalo entre teoria e prática.” (hooks, 1994, p. 61 apud. VERGUEIRO, 2015, p. 26).

2.1 A ÉTICA PAJUBARIANA

As ancestralidades negras e travestis dialogam e criam pontes através de práticas contra-hegemônicas de comunicação. Essa capoeira falada deflagra tessituras que estão além das identidades fixas de gênero e sexualidade, o que acontece, por exemplo, quando o ser “bixa” não corresponde a ser homossexual, contemplando performativas não-binárias e de muitas pessoas travestis. (Tertuliana LUSTOSA, 2016, p.393)

Se antes eu era viado, agora eu sou travesti ³. E também já fui bixa, já fui menino sem jeito, afetadinha, sensível, delicada, pintosa, perigosa, etc. entre outros diversos termos que buscavam indicar para mim o meu lugar de pertencimento ao lado de fora.

“O lugar para quem expressa pecado, perigo, anormalidade, fragilidade física e emocional, inadequação a determinadas atividades profissionais [...]” (OLIVEIRA, 2020, p. 77)

Sendo assim, como pesquisar a própria realidade uma vez que atravessei múltiplos reconhecimentos identitários e traí todos eles? Como encontrar força na farsa?⁴ Uma parte dessa resposta é trazida por FAVERO (2020) ao propor uma ética pajubariana na metodologia do relato e da autoetnografia.

Sofia, que também fez um processo autoetnográfico no seu percurso de pesquisa, aponta a desconfiança que sentiu com o próprio trabalho ao fazer da sua experiência o material da sua pesquisa.

Minha desconfiança vinha do lugar de não querer habitar o calabouço epistêmico que muitas vezes é imposto para corpos desobedientes de gênero, por isso busquei de certa forma me inspirar nessa escrita, a utilizando como metodologia, já que ela “pressupõe o compartilhamento de coisas que não precisam ser explicadas, pois se dão em outro campo da experiência” (FAVERO, 2020, p.16).

Por isso uma ética de escrita pajubariana⁵. Ela tem como pressuposto “reconhecer as apurações marcadas pela travestilidade como encadeadas pela

³ Referência à música ‘Enviadescer’ da multi-artista Lina Pereira. A canção lançada em 2017 faz parte do seu primeiro álbum de estúdio lançado de forma independente e produzido pela DJ Badsista.

⁴ Referência à música ‘I Míssil’ da multi-artista Lina Pereira. A canção lançada em 2021 faz parte do seu segundo álbum de estúdio lançado de forma independente e produzido pela DJ Badsista.

⁵ O Pajubá é um dialeto que tem sua origem na mistura de termos da Língua Portuguesa com termos de origem Nagô e Iorubá e muito utilizado dentro de espaços de sociabilidade de mulheres trans e travestis. Dentro desse dialeto há dois termos que são referenciados pela autora para fundamentar essa metodologia de escrita e pesquisa: *Aquendar* que diz respeito ao ato de *Trucar* a própria genitália. Ambos se referem ao ato esconder, de guardar, de enganar. “Aquenda isso, mona” seria

relação que elas têm com seus campos, ou seja, conforme uma cosmologia específica.” (FAVERO, 2020, p. 16). Logo, é sobre falar a partir do lugar de quem observa o mundo de forma muito específica e diversa. “Pleitear a ética do pajubá consiste em macular a neutralidade cisgênera.” (FAVERO, 2020, p. 18). É uma autorização à transgressão da linguagem e a forma de obtenção de dados.

Paralela a essa perspectiva, há os processos de autópsia descritos propostos por LUSTOSA (2016), que tem como objetivo fragmentar a lógica dicotômica da construção de identidades. Ela propõe isso se valendo de um processo imaginativo de diversas categorias que permutam entre si, e que no meu caso posso elaborar alguns exemplos como travesti – pedagoga, pedagoga – teórica, teórica – terrorista, trans – decolonial, artista – autoetnógrafa.

Penso que há uma inseparabilidade entre pensar a educação, a vida e a arte. São todas formas de demonstrar que há diferentes materiais pelos quais eu construo minha armadura e me preparo para a Guerra, por isso afirmo que o conhecimento é uma forma de se proteger epistemicamente.

Ainda sobre a ética Pajubariana, Sofia diz que esse é um lugar de habitação na escrita que propõe tensionar o recorrido conceito de “local de fala” proposto por Djamila RIBEIRO para alertar acerca da fragilidade ontológica desse conceito. Sofia, ao recuperar autores que discutem sobre os saberes socialmente situados, aponta uma necessidade de se afastar de relatos testemunhais e de que não se use o local de fala para se reencenar a sujeição e a violência.

Não se trata mais de considerar o relato como uma realidade ortodoxa, mas como algo que se performa (BUTLER, 2015a) e se altera conforme se conta. Dessa forma, é problematizada a autoridade da experiência nas disputas epistemológicas. Conforme afirma Joan Scott, feminista conhecida por abordar os modos de visibilizar a experiência, tal recurso é insuficiente para dar conta de um relato. Os indivíduos não detêm a experiência, todavia, sim, eles é que se constituem através das mesmas (SCOTT, 1999). Para a autora, tornar uma experiência visível através da perspectiva de um grupo tido como minoritário pode expor como funcionam os mecanismos opressores, mas não necessariamente a lógica dos mesmos mecanismos. (FAVERO, 2020, p. 11)

É por isso que aproximo e trago os meus relatos e a minhas produções artísticas, buscando também apontar que, ainda que esse seja um modo de

uma sentença facilmente traduzida como “Veja isso!” ou “esconda isso!”. “Para de Truque”- poderia ser o mesmo que “Para de mentira pra mim” (FAVERO, 2020, p. 15)

aproximação com a teoria, meu relato e minha experiência são incapazes de dar conta de questões sistemáticas e estruturais da sociedade. (FAVERO, 2020)

Por isso falo que esse é, também, um trabalho de cura. Porque ele é um texto também especulativo das minhas experiências e há uma certa recusa de que ele seja apenas inserido como uma produção do campo de estudos *queer* ou campo dos estudos de gênero e sexualidade. Ele é, em seus limites, uma provocação à pedagogia e uma forma de chamar a atenção para a neutralidade científica e histórica que eu vi e vivi ao longo dos anos dentro do curso.

3 UMA LEMBRANÇA, UM BILHETE, UM AVISO I: UMA PEQUENA NOTA

NÃO É POSSÍVEL VER O FIM COM TANTAS REPETIÇÕES

ME VI PARADA EM FRENTE AO ESPELHO
E NÃO ME APAIXONEI PELO QUE ESTAVA REFLETIDO ALI
FIQUEI OBCECADA.

SENTI UM GRITO AGUDO SE FORMANDO NA GARGANTA
SENTI MEDO E ME ESFORCEI PARA CONTÊ-LO
ECOEI EM GRITO ATÉ O ESPELHO QUEBRAR EM ESTILHAÇO
OS CACOS FLUTUANTES DESAFIARAM A GRAVIDADE
E ORBITARAM O MEU SER
SETE ANOS DE AZAR VIERAM ME BUSCAR
[de fato, azar mesmo foram os sete vezes sete anos
que passei sem me enxergar]

PERCEBI O MEU SUCESSO EM FRACASSAR
OS FRAGMENTOS GIRAVAM
DE TODOS OS ÂNGULOS EU PUDE VER AS MINHAS FALHAS
ELAS ME SUSSURRARAM AO PÉ DO OUVINDO DIZENDO:

“fomos nós que gritamos, somos maiores que suas qualidades, pois existimos sem pretensão. Quebrar o espelho foi a forma mais segura de fazer lembrar a ilusão da perfeição.”

Pequena nota escrita no dia 30 de novembro de 2021: neste dia concluí que ainda que eu remende um espelho quebrado, não é possível ignorar a rachadura ao olhar.

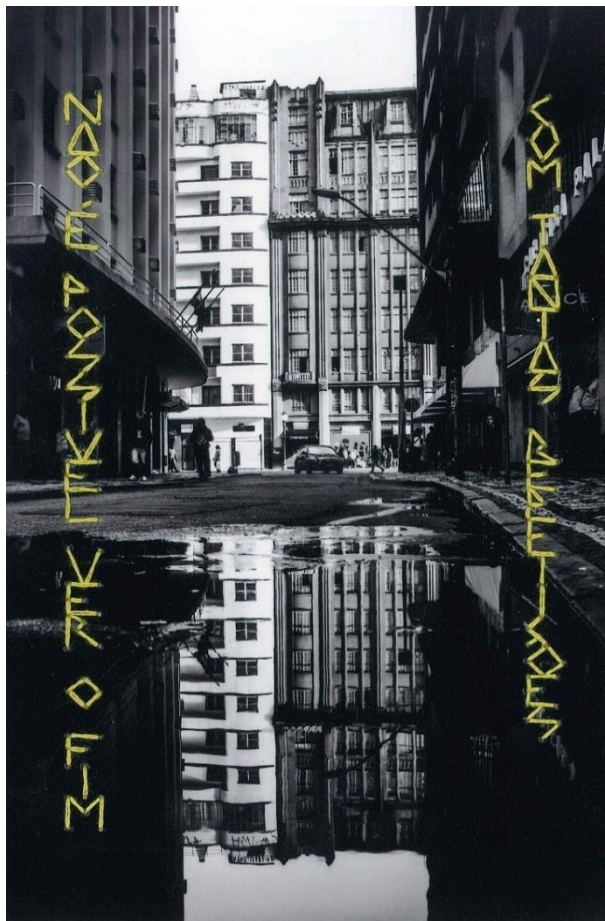


Figura 1: *Não é possível ver o fim com tantas repetições.* Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10,2x15 cm, 2021. Frase de Mical Kairós, Foto de Felipe Moraes, Texto e intervenção de Lucí A GUERRA.

4 RESGATANDO O PASSADO: ALGUNS RELATOS DE BATALHA

4.1 CARTA ÀS CRIONÇAS E AS INFÂNCIAS SELVAGENS

Nem todo mundo nasce criança. Eu nasci crionça. [...] Me disseram “não senta desse jeito”, então me levantei e corri. Também me disseram “desce daí e para de arte”, então cresci e me fiz arteira. Crionça é filhote de bixa trava. Animais selvagens não se submetem. Seres ligeiros, perguntadores que não acreditam em qualquer adulto. Nem menino, nem menina, muito menos desviada. Eu sempre fui transviada e a minha infância foi infância de filhote de bixa trava. (Lucí A GUERRA, 2021)



Figura 2: *Crionça: aventuras de uma bixa selvagem*. Técnica Mista (colagem, bordado em fotografia analógica com meada de algodão, meada metálica e cabelo). 29,7x21cm, 2021.

Curitiba, março de 2022

Outro dia encontrei algumas das suas fotos de infância. Em uma delas te vi com seu primeiro salto alto, duas latas de tinta Suvinil e a vontade já precoce de ser maior do que se é. Havia algumas fotos suas subindo em árvores e outras sendo abençoada por sereias. Por conta dessa energia toda de felina que sobe, corre, pula e se prepara para ataques fiquei pensando em onças.

Onças são animais muito peculiares que se adaptam a diversas situações. Uma vez me contaram que, durante os meses de cheia do Rio Amazonas, elas sobem as árvores e ficam longos períodos sem tocar a terra, apenas caminhando nos galhos altos das árvores.

Ao me recordar disso, me senti inspirada a pensar sobre infâncias selvagens, sobre a nossa infância selvagem. Sobre os porquês que fizemos nessa época à todas as cuidadoras e professoras, mães e tias. “Por que eu tenho que sentar de perna aberta se as meninas sentam de pernas cruzadas?”; “por que eu tenho que jogar bola ou brincar de pega-pega com os meninos se as meninas estão pulando corda e brincando de amarelinha?”. Essas e outras perguntas que buscavam silenciar os seus rugidos.

Assim como onças, tu viveu bem solitariamente e nem meninos nem meninas queriam brincar com você no recreio de tal forma que o escuro e as traças dos livros foram suas companheiras quase que boa parte de todo seu percurso escolar. Alguns viam bibliotecas, você via cavernas. Sonhar e imaginar era um exercício diário de uma criança que perdeu o medo por estar sempre ao lado dele, mas que conquistou outros ao habitar a incerteza.

Foi pensando em você que eu bordei essas fotos e estou te enviando elas com essa carta para você lembrar que em algum momento você deixou de correr perigo e se tornou perigosa. Em algum momento você será a respeitada por um rugido forte, por um caminhar decidido e veloz, por suas garras afiadas.



Figura 3: *Cuidado: HeteroCISsexuais aterrorizam crianças com fantasmas do patriarcado.* Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10x7cm, 2021.

Essas fotografias foram bordadas no período em que se dava as disciplinas de estágio obrigatório que cursei durante o distanciamento social. O bordado em fotografia foi a forma que encontrei para recuperar minha intimidade com a escrita.

Desde então, o bordado tem sido meu recurso artístico e tem se misturado com as reflexões que faço acerca da (minha) infância e de várias outras experiências que tive crescendo como dissidente. É, também, a composição de um acervo autobiográfico feito com um material de memória alheia⁶ e com registros analógicos que foram recuperados dos álbuns de fotografia que minha mãe guarda até hoje. Todo esse processo foi sendo compartilhado ao longo da pandemia em minhas redes sociais.

As fotos que não fazem parte de um acervo familiar chegam a mim de diferentes formas. A foto acima veio com a carta de uma amiga. No verso da foto ela escreveu sobre a sensação fantasmagórica de encontrar a foto junto com os documentos da criança, de certidão de nascimento a históricos escolares, certificados de bom aluno, etc.

⁶ O artista Pedro Luis é uma das minhas principais referências e objeto de estudo nesse tema de bordado em fotografia. É a partir de sua série “Trabalhos Autobiográficos com a Memória Alheia” que passei a me dedicar a pensar a construção de obras com esse caráter narrativo-pedagógico e reflexivo. Para conhecer mais sobre o artista: <https://www.instagram.com/pedroluiss/>

Através dessas obras comecei um movimento de resgate da minha autoimagem me propondo o exercício analítico de pensar sobre a minha infância e esse corpo – criança que não teve o direito reconhecido de se governar (Paul PRECIADO, 2013).

Eu senti uma certa familiaridade com a mesma forma de produção de acervo que a minha mãe tinha com as minhas fotos de infância. Lembro de um álbum fotográfico que já não existe mais, onde na primeira página havia a minha certidão de nascimento juntamente com duas fotos minhas ainda bebê, nua em uma banheira com um destaque a minha genitália externa.

Eu tive uma relação de puro ódio com a fotografia ao longo da minha infância e adolescência, principalmente pelo ritual que ela simbolizava. Diversas vezes busquei manter alguns registros fotográficos apenas sob a minha posse. O motivo do incômodo vinha da frequência com que a minha mãe reunia amigas e parentes para mostrar essas fotografias junto com discursos como “olha como o meu menino está crescendo forte e saudável, da última vez que você nos visitou ele era um menino, agora é quase um homem.”

Essa ritualística foi aos poucos se tornando um momento perverso de terrorismo mental. Na adolescência, o “ser homem” parecia um fardo cada vez mais difícil de se carregar frente as frequentes interpelações que ouvia no espaço da escola. Já era solitária a minha vida enquanto criança viada quando ouvia das outras crianças que os responsáveis não gostavam que eles brincassem com meninos que não sabiam agir como meninos, e mais tarde na adolescência que eu ouvi repetidas vezes as palavras bixa, viado, boiola.

“Ao ser nomeada como bicha, tentaram me eliminar ainda criança. Não apenas meus trejeitos afeminados precisavam ser controlados, mas também os papéis sexuais que supostamente eu viria a desempenhar” (OLIVEIRA, 2020, p. 83).

Óbvio que a nomeação não vinha apenas por interpelações verbais, como também físicas e psicológicas, de tal modo que, sem entender o que significava de fato ser uma bixa e temendo naquela época a possibilidade de ser uma, passei a ficar longos períodos observando silenciosamente os meninos que agiam como “machos” orbitando eles nas salas de aula, nos pátios e, principalmente, nas aulas de Educação Física.

Como efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu feito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutiva dessas construções, como aquilo que escapa e excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. (BUTLER, 2019, p 209)

O meu corpo, apesar dos meus esforços, não comunicava o meu pertencimento à heteroCISnorma. O caráter regulatório de um corpo que escapa a normatividade produzia uma tensão que eu sentia na pele como se estivesse entrando em um terreno minado por bombas.

Da entrada até a saída (com mais intensidade quando ouvia o sinal sonoro que indicava o começo do recreio) eu ficava em constante vigilância da minha linguagem corporal, das minhas gesticulações e principalmente da minha voz.

Não só na escola, mas também em casa, era perceptível que eu me distanciava cada vez mais das imposições heteroCISnormativas quando chegava com uma série de perguntas amontoadas na garganta.

“Mãe, o que é uma bixa? Eu sou bixa por que eu me sento de perna cruzada? Eu vou deixar de ser bixa se sentar só com as pernas juntas com a postura correta? Mãe, por que meninos não podem fazer aula de dança? Por que as outras crianças dizem que eu não sou menino?”

Nessa época, também começo a ser forçada a ocupar os bancos da Igreja. A premissa “Deus te fez exatamente do jeito que você é” não era satisfatória. Em dado momento da minha adolescência na Igreja, o batismo já não era suficiente para ocupar os bancos da congregação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e eu fui convidada a passar por uma série de sessões de terapia de reorientação sexual como condição para permanecer frequentando aquele espaço.

Pairava sobre minha cabeça o fracasso, a insuficiência e a falta de fé de alguém que mesmo orando e jejuando não conseguia mudar, não conseguia domar os próprios desejos, não conseguia atender às expectativas de um deus que, supostamente, havia me criado a sua imagem e semelhança.

Ao mesmo tempo, meus esforços para mimetizar os comportamentos, linguagens e posturas dos meninos não me garantiam a entrada nas suas dinâmicas sociais entre meninos e, ou a minha presença era negociada, ou fortemente repelida.

Ao olhar para esses fragmentos de memória é possível perceber a heteroCISsexualidade como compulsória, um investimento cultural que se opera em vias formas e informais (Tânia NAVARO-SWAIN, 2010).

Os defensores da infância e da família apelam à família política que eles mesmos constroem, e a uma criança que se considera de antemão heterossexual e submetida à norma de gênero. Uma criança que privam de qualquer forma de resistência, de qualquer possibilidade de usar seu corpo livre e coletivamente, usar seus órgãos e seus fluidos sexuais. Essa infância que eles afirmam proteger exige o terror, a opressão e a morte. (PRECIADO, 2013, p. 96)

A presença do meu corpo, das minhas dúvidas e da minha subjetividade nesses espaços constituiu uma ameaça dentro da minha infância bixa (OLIVEIRA, 2020a) e, por isso, os ataques autorizados à uma criança viada -uma vez que eles buscavam operar o dispositivo pedagógico que garante a naturalização da heterossexualidade como único caminho possível e natural para toda criança que um dia será adulta (PRECIADO, 2013).

Uma vez que “a criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto” (PRECIADO, 2013, p. 98), é possível perceber que a heteroCISnormatividade, enquanto regime político e regulatório, também é adultocêntrica. Daí convém pensar todas as estratégias de controle através do aterrorizar, como uma semiótica do medo.

Não basta apenas viver dentro do armário, é necessário também conviver com os fantasmas do patriarcado que vivem dentro dele para que tal infância seja protegida. É através dessas práticas de controle e vigilância que todas as

[...] perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política. (LOURO, 2019, p. 33)

Esses relatos da minha infância são exemplos de práticas que evidenciam o poder normalizador presente no dispositivo de sexualidade que construiu dentro da cultura ocidental a cis heterossexualidade como a única sexualidade possível (OLIVEIRA, 2020).

E quando a criança cresce? Como esse arranjo se configura quando ela passa a desafiar os adultos? Quando ela descobre que pode escolher o próprio nome, ainda que experimente ele em segredo? Quando ela começa a sonhar com a sua versão do futuro? Quando travesti deixa de dar medo e passa a proporcionar desejo, futuro e criação...

4.2 CARTA ÀQUELAS QUE SUSSURRAM SEUS NOMES EM SEGREDO

“Eu vim de longe, foi uma longa jornada. Atravessei portais para chegar até aqui. Cruzei o mapa das brechas e rastejei pelos buracos do tempo. Não encontrei minhoca alguma. [...] Eu sou uma experiência enviada para esse tempo e represento o presságio de algo que já está aqui.”
(GUERRA, 2021)

Curitiba, março de 2022

Minha querida, te escrevo daqui do futuro.

Você ainda não conhece esse texto que escreveu, mas ele é fruto do seu exercício imaginativo de pensar um nome que é feitiço e de um desejo ardente de ter um nome que não existia até você escolhê-lo para ser seu. A gente sabe que seu nome veio diversas vezes como sussurro em sonho como se fosse um presságio.

Levou tempo até você perceber que podia ser qualquer coisa que não o masculino. A gente bem sabe que nem sempre basta ressignificar a masculinidade. O feminino também não bastava, e por isso escolher ser travesti é habitar e ir além, é criar um corpo possível.

Lembro como esse nome fez sentido após um arremate de bordado, e um diálogo inusitado que da seguinte forma se transcreve:

“- Às vezes fico pensando na sua avó. Ela tinha razão quando dizia que você seria uma mulher linda. Sei que já faz sucesso entre os rapazes sendo esse homem bonito, mas como mulher seria encantadora e irresistível.

- Como assim mãe? Conte melhor essa história...

- Nunca te contei? Sua avó ficou contrariadíssima quando a gente chegou com a ultrassom do 3º mês. Quando falamos que eu estava grávida de um menino,

nem quis mais participar da escolha do seu nome. Ela disse desde o começo que eu estava grávida de uma menina e queria que você se chamasse Lúcia, mas depois desse exame ela perdeu todo interesse em participar da minha gravidez”

Desse momento seguiu uma conversa de lágrimas intensas e molhadas, e você decidiu contar que já tinha ido na primeira consulta com o endocrinologista e já se preparava para começar uma jornada hormonal, que já estava organizando os documentos para a retificação.

Escolhemos Lucí A porque queríamos o feminino destacado, marcado. Pertencendo ao seu nome, mas não dentro dele, é como se o feminino fosse da mesma forma um calabouço como o masculino.

Quantas vezes você disse seu nome em segredo? Às vezes é preciso algo para ser dito em segredo, para ser uma brincadeira da linguagem, um pacto que ninguém sabe que está participando. Lucía não, Lucí A.

Para você envio essas duas fotos, bordadas com os fios de cabelos mais resistentes que caíram da sua cabeça. Bordados que são feitiços, feitos em uma escrita circular para amaldiçoar, para ir além da linguagem e para produzir os efeitos que ela promete.



Figura 4: *Série Narrativas de Si: SEU SEGREDO IGNORADO POR TODOS ATÉ PELO ESPELHO.*
Técnica Bordado em fotografia analógica com cabelo. 16x23 cm, 2020.



Figura 5: *Série Narrativas de Si: UMA MARCA PERPETUA UMA IDENTIDADE = CISGENERIDADE EM DECADÊNCIA.* Técnica Bordado em fotografia analógica com cabelo. 23x16cm, 2020.

Tive, no final da minha adolescência, alguns momentos de afirmação de identidade para a minha mãe, sendo dois os mais marcantes. A primeira vez foi através de uma carta escondida em sua bolsa para “assumir” sobre a minha homossexualidade. Na época eu sentia que a minha dissidência sexual era algo carregado por mim para cima e pra baixo. A segunda foi menos intensa em relação a primeira e foi para comunicar sobre o início da minha jornada hormonal.

“Nunca precisei me assumir bixa travesti, pois meu corpo é autônomo da linguagem falada” (Castiel Vitorino BRASILEIRO, 2019, p.26), e eu fui a única no meu núcleo familiar que precisou cumprir a ritualística cristã da confissão ao mesmo tempo tendo que implorar o perdão por ser, ainda que eu não tenha desejado ser.

Na primeira vez eu ouvi “eu já sabia, mas não queria a certeza”. E na segunda “conte comigo e vá atrás da sua felicidade”. Nesta segunda ocasião, lembro de uma série de inseguranças que eu nutria quanto à reação da minha família sobre a minha transição, uma vez que quando me afirmei enquanto homossexual, lembro de ter ouvido de vários parentes a frase “tudo bem ser gay, mas por favor (em tom quase de súplica) não vire essas bixas pintosas que se maquiam, saem por aí vestidas de mulher”.

É quando começo a experimentar meu corpo em festas e em pequenos lugares mal iluminados entre os meus laços de afeto que passo a entender a potência da minha identidade. É devido ao caráter relacional da minha vivência dissidente que começo a entender o corte preciso e afiado da palavra-navalha bixa, que anos mais tarde precisou ser afiada com a autoafirmação enquanto travesti.

Uma navalha de lâmina dupla, necessária para constituir a fronteira embaçada da minha bixalidade travesti e da minha travestilidade bixa (BRASILEIRO, 2019).

A afirmação “pode ser gay só não seja bixa” já não era capaz de produzir em mim os efeitos esperados de controle e interdição da minha identidade afeminada, da minha bixisse e dos meus trejeitos (OLIVEIRA, 2020), ainda que essas interjeições dentro dos espaços familiares, escolares e religiosos produzissem em mim a noção de que a minha identidade deveria ser vivida em um segredo velado, às escuras, longe do olhar do outro.

Essas experiências me mobilizaram a produzir essas duas fotografias, utilizando meu próprio cabelo como fibra, para bordar em ato simbólico de autoprodução de um corpo que precisou ir atrás de outras vias para conseguir conhecimento sobre si.

Neste sentido, tanto a afirmação “seu segredo ignorado por todos, até pelo espelho” quanto “uma marca perpétua uma identidade = cisgeneridade em decadência” são para mim um marco pessoal no processo de reflexão acerca da minha identidade e das experiências que eu gostaria de ter junto ao meu corpo.

Eu já vinha de um longo processo de reflexão acerca da vontade de começar uma jornada hormonal, sem nenhuma pretensão em querer “ser mulher” como diversas vezes fui questionada, mas tendo como objetivo a necessidade pura e simples de “frustrar o que a sociedade quis fazer de mim.” (PRECIADO, 2018, p. 18).

Para mim é importante destacar que não considero o início do meu processo de hormonização (ou de qualquer pessoa trans) algo essencial ou necessário na experiência enquanto dissidente de gênero, mas vem ao encontro da vontade de um fazer alquímico com o corpo.

Há em mim um grande desconforto com essa narrativa biomédica do corpo trans que associa a vivência dos nossos corpos a um auto ódio, desconforto, inconformidade ou disforia.

Esses discursos, no fundo, estão localizando ou delineando a pedagogia da sexualidade - uma pedagogia que legitima determinadas experiências corporais, identidades e práticas sexuais, e que constrói a marginalização de outras (LOURO, 2019), educando nossos corpos para que acreditemos que o único destino possível para um corpo é o heteroCISsexual.

No limite, compreender a forma como a cisgeneridade e a heteronormatividade usam nossos corpos e identidades para constituir seus limites (BUTLER, 2019), é um caminho para que nós possamos deixar de ser suas fronteiras e construir poéticas e narrativas que demonstrem que somos nossos próprios territórios.

Daí a necessidade de pensar cisgeneridade (e a heterossexualidade) apontando para a sua historicidade e “não como algo individual, do mundo interno, mas como uma construção social, política, econômica e epistêmica” (VERGUEIRO, 2016 apud Sofia FAVERO, Paula Sandrine MACHADO, 2020, p. 53). O que, por consequência, posiciona ambos os conceitos como regimes de poder que atuam no campo discursivo (BUTLER, 2019).

Para construir a categoria cisgeneridade, a autora Viviane VERGUEIRO (2015) propõe três aspectos ou traços interdependentes: a pré-discursividade, a binariedade e a permanência dos gêneros. Segundo a autora:

a construção discursiva destes traços como constituintes dos gêneros naturais, normais, verdadeiros e ideais – com a consequente estigmatização, marginalização e desumanização de gêneros inconformes – caracterizarão a cisnormatividade. (p.61)

A pré-discursividade é o empreendimento sociocultural e histórico executado também para conduzir e materializar o projeto colonial. É por meio do empreendimento de instituições como a igreja, a lei, a psiquiatria e outros saberes médicos (LOURO, 2004) que o sexo se torna pré-discursivo, como se existisse apesar da cultura e “que se compreende (a partir de critérios normativos) que estes corpos trazem certos sinais fisiológicos que o possam definir inequivocamente entre ‘macho’ ou ‘fêmea’” (VERGUEIRO, 2015, p. 62).

Nesse sentido, “[...] o ‘sexo’ não apenas funciona como norma, mas é a parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2019, p. 194), ou seja, é a marca que perpetua uma identidade. É a partir dessa leitura cisgênera que o macho passa a ser menino e a fêmea passar a ser menina, e, a partir disso, os empreendimentos reiterativos para a materialização da norma e a produção desse corpo (BUTLER, 2019).

A segunda característica do regime cisgênero é o binarismo. Compreendido como um construto colonial que é também consequência da inteligibilidade que a pré-discursividade produz, uma vez que orienta a leitura das corporeidades, determinando seus gêneros a partir de duas, e somente duas, possibilidades: pênis macho homem e vagina fêmea mulher (VERGUEIRO, 2015).

A autora também aponta como isso se amarra com a colonização e heteronormatividade. O binarismo enquanto regime de verdade contribuiu para o projeto colonial de extermínio de perspectivas socioculturais divergentes da matriz colonial (branca, europeia, cristã) e, portanto, por serem ‘ininteligíveis’ poderiam ser contidas e no limite aniquiladas. (VERGUEIRO, 2015). Além disso, ao criar uma assimetria dicotômica de oposição e complementariedade, a heterossexualidade é construída para que haja uma coerência dentro dessa matriz de norma de gênero (BUTLER, 2003 apud VERGUEIRO, 2015)

Ao trazer essas reflexões, sou levada a rememorar algumas experiências de estágio dentro do curso. Diversas vezes ouvi conversas de professoras onde estas afirmavam se opor a uma educação inclusiva e diversa nas escolas, pois o ensino delas era pautado em “valores” e as crianças deveriam ter sua inocência preservada.

Essas mesmas professoras aplicavam em suas salas atividades de reconhecimento corporal (atividades como "aponte a cabeça, as mãos, os braços, as pernas e os pés, depois vista o desenho") com desenhos infantis estereotipados. Nessas atividades, as únicas possibilidades apresentadas para construir a indumentária desses corpos eram shorts e camiseta para os meninos e vestidos e lacinhos para as meninas.

É possível notar nesse caso como a heteroCISsexualidade não apenas busca uma hegemonia sexual de controle dos corpos (BUTLER, 2019). Ela também se mascara e busca esconder-se atrás de um discurso "moral", de que há valores humanos inalienáveis.

Para compreender a cisgeneridade e partir para a discussão dela enquanto regime de norma, é preciso passar pelo seu caráter de permanência. Essa premissa está lacerada sob a essencialização do gênero em determinados padrões biológicos fixados no nascimento, tais como órgãos internos (anatomia) e a própria genética.

Ao usar de exemplos do "cistema" judiciário e discursos médicos, a noção de 'desvio' é construída, uma vez que a cisgeneridade clama para si a narrativa de que corpos cisgêneros se identificam e estão em perfeita harmonia com sua corporeidade (VERGUEIRO, 2015).

Por fim, é na articulação desses aspectos da heteroCISgeneridade que ela opera em seu caráter de norma. Ao localizar esses discursos em sua historicidade, aliando-a aos investimentos coloniais e demonstrando sua validação pela reiteração de saberes jurídicos, biomédicos e religiosos é que se torna perceptível o caráter performativo do gênero.

Neste sentido, BUTLER (2019) afirma que

são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (p. 195)

Nossos corpos ao se desidentificar com essas categorias de identidade forçadamente impostas, produzem outras possibilidades de identificação, outras categorias políticas. Nós dissidentes sexuais somos mais do que apenas um indício da fragilidade da norma.

A consequência das nossas coalizões e alianças políticas é a produção das nossas próprias ontologias, pois “um saber não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, arte de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer” (LEAL, 2020, p. 68)

Nossas perspectivas de análise abrem fissuras nesse discurso demonstrando sua fragilidade, e permite que outros caminhos sejam traçados. Quando sussurramos nossos nomes em segredo umas às outras, estamos compartilhando conhecimento, estamos nos reeducando e trocando armas e ferramentas para a conquista e o resgate de nossos corpos e subjetividades do discurso-armadilha cisgênero.

4.3 CARTA ÀS BIXAS QUE ESTÃO SAQUEANDO O TERRITÓRIO INIMIGO

“Nós vamos nos infiltrar em seus sonhos e perturbar seu equilíbrio”
(MOMBAÇA, 2021, p. 74)



Figura 6: *Fraternidade começa na dor que se partilha*. Bordado em fotografia analógica com meada de algodão. 10x7cm. 2021

Curitiba, março de 2022

fra.ter.ni.da.de (substantivo feminino): *laço de empatia ou união de afeto entre aquelas que lutam pela mesma causa.*

Eu PRECISO confessar uma coisa à todas as minhas irmãs: tenho um pavor enorme de viver. A realidade é sufocante demais, e por vezes até amaldiçoo o conhecimento que me faz ter consciência de quem sou no meu cotidiano.

Nos momentos que esse medo me consome e a existência do sofrimento me paralisa, chego a contraditória constatação de que sou real porque posso ter a experiência da dor.

Ainda que tenha sentimentos conflitantes acerca da consciência do que, de quem e o que meu corpo representa no mundo, acredito que é exatamente através desse conhecimento que podemos fabular o fim.

E não, não estou aqui a dizer que a dor ou o sofrimento são necessários ou importantes ou que eles fazem parte de um plano de desenvolvimento e evolução moral e espiritual.

O meu ponto aqui não é os problemas que impactam indivíduos por sua condição de existência neste mundo que somos obrigadas a viver.

Meu ponto é: há um lugar onde você termina. Um limite imaginário como o limite de qualquer território, e que nesse mesmo lugar a sua dor também acaba. Ninguém pode mudar a realidade de que todas vamos conhecer em algum momento a Dor.

Talvez seja possível ir além do sofrimento. Penso que “ir além” é a fronteira entre nós. E que fraternidade seja a experiência radical da empatia pela partilha dos pesos das nossas dores.

E encerro com a promessa muito bem escrita por Luedji Luna: cada lágrima que nós choramos, guardamos só para lhes dar e vocis vão beber no inferno.

Eu comecei esse texto afirmando que esse trabalho era também um trabalho de cura, principalmente dos atravessamentos discursivos que dizem sobre o meu corpo e pude perceber que eles

falam sobre nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. [...] Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias. Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais. (Monique WITTIG, 1992, s/p)

O motivo principal de falar sobre um trabalho de cura é também a razão que me fez começar a adulterar, intervir e escrever em cima de fotografias. Esse processo surge dentro de trocas com pessoas que também estavam vivenciando a transitoriedade de gênero dentro do contexto de isolamento pandêmico. Em uma dessas conversas eu disse à um amigo: “eu quero resgatar pra mim o direito ao uso das palavras, quero poder contar outras histórias e quero também, nesse processo, intoxicar a memória da cisgeridade, da branquitude e da heterossexualidade.

Foi por conta dessa conversa que eu bordei minha primeira fotografia, mobilizada por um desejo de ser a pedagoga e a professora que a criança que eu fui não pôde ter. Habita em mim desejo de radicalizar e mudar os ambientes escolares, para que estes possam ser ambientes de livre desenvolvimento e experimentação do corpo infante.

As tentativas de aniquilação e pedagogia do controle e do medo que são aplicadas nesses espaços indicam para o adultocentrismo dentro da heteroCISnormatividade. Os processos que são conduzidos dentro da escola que produzem subjetividades educam o corpo infante. Percebo que as pedagogias dos novos tempos devem estar preocupadas com a garantia do direito de crianças dissidentes de crescerem e envelhecerem.

A experimentação do corpo infante será uma experimentação em seus próprios termos e tempos, na vontade da descoberta do mundo ao seu redor, da interação e da brincadeira. Que pedagogias transviadas tornem ambientes de ensino em lugares de potência, de trocas, de carinho e de afeto, construídos em cima da política do encontro com a diferença.

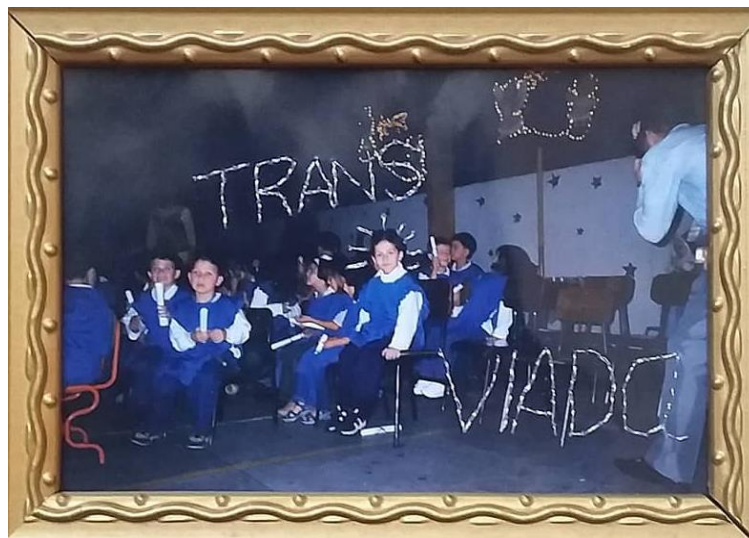


Figura 7: TRANSVIADA. Bordado em fotografia analógica com meada metálica algodão. 10x15cm. 2020.

Quando chego nesse trabalho mais recente onde através da afirmação “fraternidade começa na dor que se partilha” sou levada a pensar sobre políticas e poéticas do encontro e por um desejo pulsante de viver e lutar na coletividade.

Eu não lembro com detalhes do dia que encontrei essa foto para fazer uma descrição mais exata, mas lembro do que estava sentindo, da série de choros engasgados na garganta.

Em determinado momento dessa minha trajetória como artista que se mistura com a minha história como pedagoga, comecei a ser tomada por uma imensa raiva que com o tempo se transformou em fúria. Contudo, nesse trabalho em específico, eu estava pensando sobre uma solidão mobilizada por uma série de dores políticas.⁷

⁷ Trago para localizar essas dores alguns dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA no *Atlas da Violência de 2018* e do Dossiê *Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2021* divulgado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA. O IPEA indica em seu relatório que “apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil” (p. 3) e afirma que a desigualdade de morte **violentas** por raça/cor vem se acentuando nesse mesmo período. Segundo o documento “71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas” (p. 4). Paralelamente a ANTRA aponta que há uma fragilidade de dados da população LGBT e uma urgência dessa população ser incluída na política censitária, desse modo a organização vem sistematizando através de fontes primárias (órgãos governamentais, dados de segurança pública, processos judiciais, notícias em mídias e jornais) e secundárias (instituições de direitos Humanos, Redes sociais, Relatos e testemunhos entre outras) e encontraram 140 casos em 2021, sendo 82% das vítimas (aproximadamente 115 em valores absolutos) racializadas (Pretas ou pardas ou indígenas). Traço esse panorama para pensar: quais corpos tem direito a vida dentro de um país que desde sua invasão tem sido um cemitério a céu aberto? Quais corpos têm sido eliminados por uma política de genocídio? (Vinicius da SILVA, 2022)

Como transpor esses afetos? Como pensar políticas radicais de empatia? É possível alianças políticas pautadas na fraternidade? Quais enquadramentos na linguagem precisam ser articulados para gerar essas alianças?

Essas respostas começam a ser mobilizadas pelos escritos de Audre LORDE (1982), quando esta afirma que, para os que lutam por um horizonte de libertação, não pode haver entre nós uma hierarquia de opressão - uma vez que o sexismo, o heterossexismo e o racismo têm a mesma origem na crença de uma superioridade inerente de um grupo social sobre outros e, assim, seu direito de dominar. Desta forma:

sei que não posso me dar o luxo de lutar contra uma única forma de opressão. Não tenho como achar que estar livre da intolerância é direito de apenas um grupo específico. E não tenho como escolher em que frente vou lutar contra essas forças discriminatórias, independente de que lado elas estejam vindo para me derrubar. E quando elas aparecerem para me derrubar, não irá demorar a que apareçam para derrubar você (ibid, p. 236)

Neste ensaio, busquei utilizar a arte como operação discursiva para mover sentidos (Denise FERREIRA da SILVA, 2019), produzindo uma escrita que me (auto) curasse, tanto no sentido de quem se recupera de um estado de adoecimento quanto no sentido da curadoria, de alguém que revisita e organiza seu trabalho artístico e estabelece um cruzamento de sentidos a partir dele.

Meu trabalho não é de forma alguma meu. Não acredito que seja possível fazer arte fora da relação. Por isso, decidi através dessa última carta refletir sobre coalisões, coletividades e escritas que geram afetos. Como esse campo de produção acadêmica marcado pela autobiografia nos ajuda a pensar pedagogias desobedientes?

No limite, quando me permito me curar, eu me movimento em uma direção epistemológica de corpos que estão ardendo pelo desejo de destituir, desorganizar e transcender a autorização discursiva branca, heteroCISnormativa ao vislumbrar através da arte, e da produção de conhecimento a desestruturação desse sistema com sua pretensa universalidade (Diane LIMA, 2018).

Entendendo que “a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social.” (WITTIG, 1992, s/n). Por isso, se a gramática do conhecimento é

por si uma linguagem que reflete não apenas nosso modo de conhecer, ela também institui jeitos de conhecer e se relacionar (LOURO, 2007).

Creio que o movimento das cartas anteriores de nomear é complementado por movimentos de disputas dessa narrativa. É necessário que sejamos aliadas em elaborações sobre o fim desses sistemas. Essa perspectiva de cura vem do

entendimento que parte dos estudos da decolonialidade não se centram na busca pelo fim da colonialidade, mas pelo fim do ponto de vista a partir do qual o colonialismo faz sentido, motivo pelo qual nos resguardar ao direito de recusar aquilo que nos é dado ou o que é esperado sobre nós nos nutre aqui como uma potente estratégia de vida. (LIMA, 2018, p. 251)

A imaginação radical preta e travesti é o caminho pelo qual o projeto de descolonização pode ser viabilizado. Para além de saber elaborar estratégias discursivas, a urgência dos nossos processos é a urgência de um sonho, um local onde se vive em outro tempo, onde se é possível inventar outras palavras e construir o mundo de outras formas.

Dentro dessas imaginações, nossos processos de escrita (e aqui eu me refiro aos processos de escrita de corpos transgressores) são processos auto-autorizados e anárquicos que pulsam (sobre)vivência ao ampliarem a noção de corpo e poetizarem as identidades de gênero. Estamos “abrindo porosidades das membranas liminares entre corpo e sensibilidade [...] ocupando os territórios movediços da literatura expandida.” (LUSTOSA, p. 397)

Esse panorama clama uma inevitável política de responsabilidade coletiva, já que não é possível ser, sem ser em relação com o Outro (Vinicius DA SILVA, 2022). E em que terreno iremos alicerçar nossas alianças? Uma vez que o apocalipse e o crepúsculo do mundo tal qual como conhecemos é uma urgência e uma demanda, com quem dividimos nossas trincheiras nessa guerra declarada? (MOMBAÇA, 2021)

Penso essas alianças políticas a partir do que Bell Hooks chama de “solidariedade política”. Essa proposta nos direciona para um projeto coletivo que tem como horizonte reorganizar a sociedade “de modo que essas diferenças não articulem sistemas de poder e dominação” (DA SILVA, 2022, p. 78).

Ainda que eu não tenha me dedicado a fazer esse debate com o destaque que ele merece, destaco aqui a importância de análises interseccionais para se construir nossas alianças políticas, pois entendo que a interseccionalidade é uma categoria que complexifica o entendimento de experiências (e aqui, não apenas as

femininas ou dissidentes) e desessencializa identidades, ao apontar os arranjos que diferentes categorias sociais assumem. (Letícia NASCIMENTO, 2021)

É preciso entender que a diversidade não precisa nos dividir, nem criar hierarquias. Na verdade, esse modo de pensar constitui uma astuta estratégia usada desde a colonização, a de dividir, classificar, hierarquizar e governar. O homem colonizador cis, ocidental, branco, cristão e heterossexual se entendeu como universal, transformou suas singularidades em padrões universais e subjugou as demais identidades. (NASCIMENTO, 2021, p.63)

Desse modo, nossas coalizões não buscam anular a divergências e as tensões. “Não podemos esperar agora que todas nós falemos a mesma língua. Ao contrário, precisamos pensar uma comunidade feminista discordante consigo mesma” (NASCIMENTO, 2021).

Construiremos então comunidades amadas que, nos termos de Bell Hooks (1995), pressupõe uma resistência política coletiva que afirma nossas diferenças, fugindo então da utopia de um mundo livre de diferenças. Como já afirmei previamente, “a diferença continua a existir, mas deixa de informar mecanismos e sistemas de opressão e dominação.” (DA SILVA, 2021, p. 28)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM É SÓ UM COMEÇO

Quero começar minhas considerações finais contando um último caso. Aos 17 anos, no final do meu Ensino Médio, fui interpelada por uma professora de Língua Portuguesa que afirmou: “Bixa e pobre, quer fazer faculdade e seguir carreira acadêmica? O que você faz de melhor por si é ir atrás de fazer alguma coisa que te dê um bom emprego.”

Nessa situação, ao me colocar como “bixa” e “pobre” juntamente com as palavras seguintes, minha professora apontou não apenas dois marcadores de diferença, mas subliminarmente ela apontou quem pode ou não sonhar dentro de um regime normativo e quem pode ou não produzir um conhecimento “relevante” para a sociedade.

Grada KILOMBA, afirma que “qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento têm sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não construir uma ciência credível” (1968, p. 53, apud, Thiffany ODARA,

2020, p. 93). Ela nos mostra a urgência de se descolonizar os espaços onde o saber colonial produz práticas de hierarquização e exclusão social. (ODARA, 2020).

Empresto aqui as palavras de Donna HARAWAY quando esta diz:

todos os componentes do desejo são paradoxais e perigosos, e sua combinação é tanto contraditória quanto necessária. As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado por algo, e poder instrumental limitado. [...] Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (1995, p. 16)

Frente a isso, nessas últimas páginas quero encerrar apontando algumas reflexões sobre a importância de escritas e trabalhos autobiográficos que se operam em um fazer auto-teórico e desse campo de estudos indisciplinados e desobedientes que é o campo de estudos trans (FAVERO, 2020).

Abro uma brecha nesse texto para saldar Xica Manicongo, a primeira dessa legião de travestis produtoras de conhecimento. Xica, com sua fala cacofônica abriu fissuras no tempo e usou a palavra como feitiço para que na atualidade existissem Abigail Campos Leal, Adriana Sales, Alícia Kruger, Ariane Senna, Bia Bagagli, Castiel Vitorino Brasileiro, Dodi Leal, Emily Mel Fernandes, Fran Demétrio, Hija de Perra, Isadora Ravena, Jaqueline de Jesus, Jota Mombaça, Letícia Nascimento, Luma Andrade, Maria Zanela, Marini Bataglin, Megg Rayara, Rebecka de França, Tertuliana Lustosa, Thiffany Odara, Sara Wagner, Sofia Favero, Sophia Starosta, Viviane Vergueiro e outros tantos nomes que são nós e fazem parte da tessitura de saberes que nos ajudam a pensar o mundo que está por vir.

Acredito que estudar e citar esses nomes em trabalhos acadêmicos constrói um novo paradigma pedagógico pautado nas nossas alianças políticas de corpos cheios de teimosia e anarquicamente posicionados e que ojerizam com as tecnologias acadêmicas (FAVERO, 2020).

Nossas articulações teóricas e metodológicas são pedagogias da desobediência (ODARA, 2020), que disputam os discursos e saberes que produzem nossos corpos na negação social, ao mesmo tempo que apontam uma perspectiva educacional insurgente e travestilizada com o objetivo de emancipação dos nossos corpos.

Desobedecer é a práxis pedagógica (Hooks, 2013) que se materializa na organização política com o objetivo de reorganizar a cultura tão profundamente que será impossível reverter os impactos que causados nela (ODARA, 2020).

Nesse sentido, (trans)formar nossas práticas pedagógicas é o que garante que a política de ódio e morte que executa nossos corpos seja revertida. É o horizonte de acesso e permanência em ambientes escolares. É a possibilidade de acesso aos direitos que assegurem nossa cidadania, ou seja, “envolve o marco de toda uma luta que abarca o direito a ser, a existir, a transgredir as rupturas de uma sociedade binária colonial” (ODARA, 2020, p. 109)

Esse pacto da infração que fazemos é um tratado pelo delito, uma coalizão rebelde, uma união pela indisciplina. Estamos insatisfeitas. Não queremos o que nos dão. Nossos destinos serão outros. Escrevo e digo: isso é pouco! Nós queremos mais. Podemos ser mais. Nós, travestis, podemos fazer rodar outros vocabulários, pois com eles também se emparelham outras saídas. (FAVERO, 2020, p.41)

Esses vocabulários e a busca dessas saídas desobedientes foi o movimento de escrita desse trabalho. Penso que a entrada dos nossos corpos na academia (e não só nela) é como a de um líquido que se infiltra em suas paredes. A infiltração, além de um incômodo estético na norma, é algo que envenena a estrutura, fragilizando-a, deixando-a vulnerável a deslizamentos e suscetível a seu fim.

Falar sobre fim, destruição, saídas e rotas de fuga é falar sobre a esperança e a produção de vida para os nossos corpos. Quando começo o texto dizendo “que não é possível ver o fim com tantas repetições”, entendo que as repetições são atualizações das relações que estabelecemos quando seguimos olhando para o reflexo e acreditando que nele cabe tudo que podemos ver.

Por isso, digo que fui obcecada pela minha imagem. Porque, por ser tão complexa, o que me move é a vontade de esmiúça-la. É por isso que também sou estilhaços. Muitas vozes quebram o espelho, tendo como consequência a instabilidade do olhar, para que ainda que ele tente se remendar, não seja possível ignorar a rachadura.

A partir dessa alegoria, meu primeiro fragmento textual é a minha infância e o meu resgate de uma sociedade binária e colonial. Ao analisar o adultocentrismo dentro da heteroCISnormatividade e entender os processos que produziram minha subjetividade, percebo que meu fazer pedagógico é promover o desaprendizado

dessas normas, para que a experiência da infância seja potencializada, para que crianças dissidentes possam ter seu direito a crescer e envelhecer.

A Pedagogia da Desobediência para tais corpos é uma educação pautada na prática da liberdade (Hooks, 2013) para adultos que querem curar suas crianças interiores que foram assombradas e aterrorizadas pela Pedagogia do Medo da HeteroCISnorma e, também, para libertar as crianças que vivem no presente.

Resgatar é também a ação de tirar algo de um cativeiro discursivo, e esse foi meu movimento no segundo fragmento, escrito para as que sussurram seus nomes em segredo. Nesse fragmento, ao compreender com um pouco mais de profundidade a cisgeneridade e os efeitos desse discurso, percebi que esse regime necessita de nossos corpos. Contudo, nós não precisamos dele.

Afirmo novamente: a cisgeneridade está em decadência, por ser um projeto falido por si só. Nós travestis somos eternas, mais velhas e talvez até filhas do próprio tempo. Vocis acreditaram que, ao empurrar nossos corpos para o segredo, para o escuro infinito e incógnito, estariam se livrando de nós. De fato, estivemos analisando e observando vocis de uma perspectiva muito privilegiada (GUERRA, 2021).

Não somos também a oposição da sua luz branca. Nossa luz é uma luz negra de radiação ultravioleta que media um mergulho intenso no infinito (FERREIRA da SILVA, 2019). É uma outra possibilidade de compreensão e leitura do mundo, sendo um exercício imaginativo e uma forma de experimentação para fazer o futuro do mundo (MOMBAÇA e Musa Michelle MATTIUZZI, 2019), logo, faz parte também de uma pedagogia da desobediência, pois a imaginação é um ato de recusa do mundo tal qual ele está dado (DA SILVA, 2022).

E esse ato de recusa é o que mobiliza a escrita do terceiro fragmento, que se debruça sobre alguns parâmetros que acredito serem necessários para as coalisões políticas do futuro. É necessário compreender o funcionamento e as operações da cisgeneridade vendo esse conhecimento como tecnologia e tática de guerra no presente, uma vez que a guerra é travada no nosso inconsciente (GUERRA, 2021).

Para a construção desse mundo que está porvir, não mais permitiremos que a política da diferença seja gestada dentro de uma produção constante de hierarquias que acionam mecanismos de opressão e dominação (DA SILVA, 2021). Isso também aciona uma Pedagogia da Desobediência, pois para isso clamamos o desaprendizado do mundo (DA SILVA, 2022)

Dentro dessa breve recuperação, sinto a necessidade de informar meus próximos passos. Ao fazer esse movimento de auto-curadoria e recuperação do meu percurso acadêmico-artístico, vejo a necessidade de atuar cada vez mais nos campos da performance e do teatro, das artes visuais e do cinema. Meu desejo é o de atuar em projetos onde eu consiga socializar mais o conhecimento acumulado, onde eu também possa pensar novas formas de poetizar e incentivar a produção de biografias trans.

Quero seguir escrevendo e pensando a educação, elaborando narrativas que sejam incendiárias, que se alastrem como chamas e que possam servir para aquecer outros corações. No fundo, sinto que essa seja a razão pela qual escrevo e quis me propor o desafio de me ensaiar, me curar e me autobiografar. Vejo que esse texto é o reflexo de um mosaico de uma mente fragmentada em muitos propósitos.

Talvez meu texto seja um grande elixir, efeito de um fazer alquímico. Talvez seja o mapa de uma busca interminável de um eu inquieto (Gloria ALZALDÚA, 2000) que está cansado de viver sob a sombra da morte simbólica e material - e que mesmo se agarrando ao combinado de não morrer (Conceição EVARISTO, 2006), sabe que eles não combinaram de não me matar (MOMBAÇA, 2021).

Para encerrar, pretendo endereçar uma última carta. Afirmo que foi difícil e desafiador escrever esse trabalho. Pude perceber que, na verdade, meu objetivo único e principal com ele era me entregar a esse desafio. Nesse texto todo bordado, colado e costurado, o que eu fiz foi brincar de fazer filosofia e literatura. De certo modo, essas duas são as formas que eu produzo arte para produzir (minha) vida (LARROSA, 2004).

Para fechar:

me curo y me armo, estudando. a caneta que sublinha palavras de um livro estudado é a mesma que fura a perna de um agressor y o canivete que rasga a pele é o mesmo que talha o nome de duas pessoas trans dentro de um coração na porta de um banheiro sujo de bar. tudo isso é estudo y esses estudos fazem parte da mutação de uma época. isso se fareja. Sigo estudando y encaro isso como um momento de cura y de guerra contra o apocalipse branco cishétero. (LEAL, 2020, p. 69)

6 UMA LEMBRANÇA, UM BILHETE, UM AVISO II: UM MANIFESTO

No filme Bacurau (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019), os moradores da cidade de Bacurau, ao consumirem um poderoso psicotrópico de mesmo nome, parecem desenvolver um sentido aguçado de comunidade e são tomados por um desejo de insurgência frente à “turistas” que vão à cidade extravasar sua vontade de matar um outro não-branco.

A literatura científica já catalogou e identificou alguns efeitos de psicotrópicos ou psicodélicos, entre eles destaco:

1. Sinestesia (uma alteração no processamento dos sentidos pelo cérebro),
2. Curiosidade e criatividade afluída,
3. Crises existenciais e mergulho gradual no subconsciente podendo levar ao questionamento da validade dos seus desejos e medos,
4. Desconfiança por autoridades e inclinações anarquistas.

Acredito que uma proposta de ação frente aos ataques que a educação têm sofrido por parte de políticas educacionais conservadoras com o intuito de reforçar e manter um regime cis-heteronormativo, branco, racista e capacitista é a construção de uma educação psicotrópica.

É preciso que a educação seja construída com o intuito de conduzir as novas gerações em mergulho gradual ao subconsciente (e também ao inconsciente) e percebam que seus desejos e medos foram construídos historicamente e socialmente por aqueles que querem fazer o uso ILEGÍTIMO do poder.

Transformaremos nossas salas de aula em pequenas células revolucionárias. Queremos gerar desconfiança e criar a coragem para agir contra toda e qualquer autoridade fascista.

Seremos responsáveis por uma libertação que é, AO MESMO TEMPO, individual e coletiva, pois libertará o nosso inconsciente colonizado e também nos libertará das amarras políticas que a América Latina vêm sendo obrigada a usar.

Quebraremos nossos grilhões mentais.

Nossas escolas serão responsáveis pelo vício na expressão poética e criativa, em oposição a um sistema capitalista que nos normatiza e homogeneiza.

Seremos tão curiosos que amaremos o mundo, ainda que esse mundo esteja quebrado, poluído, queimado, imundo, pois assim como os cogumelos psicodélicos crescem nos charcos, nós vamos reconstruir esse mundo que nos foi tomado.

Pequeno manifesto escrito em agosto de 2020: tenho em mim o desejo ardente de tomar essa droga que é o Brasil na sua melhor versão, não esse entorpecente que deixa a gente anestesiado e que só dá bad trip.

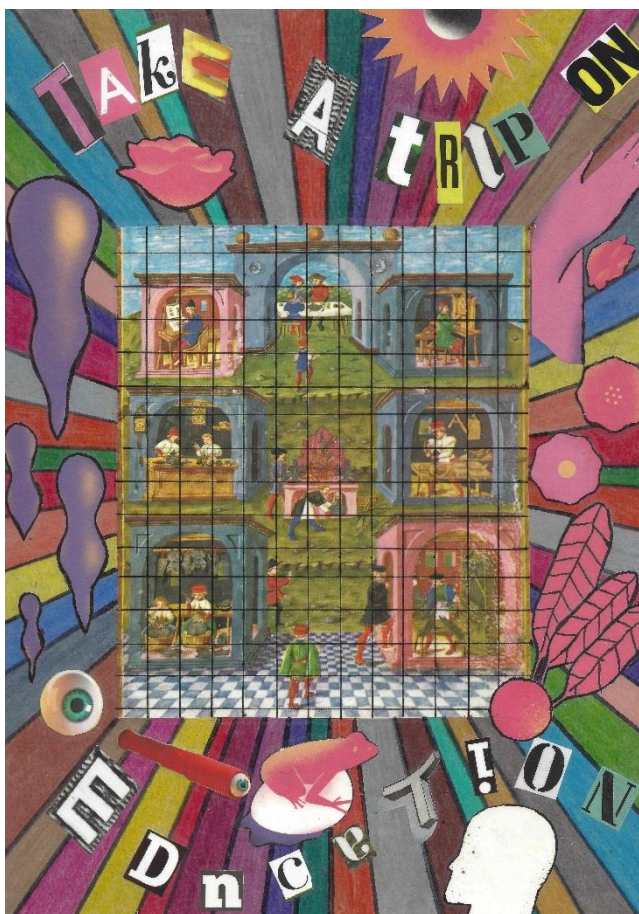


Figura 8: a educação é móh viagem. Técnica Mista (colagem analógica e lápis de cor). 29,7x21cm, 2020.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n-1, p. 229 – 236, 2000.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. p. 560.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **O Trauma é brasileiro**. 1. Ed. Vitória/ES: Galeria Homero Massena, 2019. [Catálogo de Exposição]
- BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 191-219.
- _. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. [Recurso digital]
- DA SILVA, Vinícius. **Nas encruzilhadas da imaginação radical preta e travesti**. In: *Aguarrás*, vol. 9, n. 39. ISSN 1980-7767. São Paulo: Uva Limão, JAN/JUN 2022. Disponível em: <<http://aguarras.com.br/encruzilhadas-preta-travesti/>>.
- _. Barricadas para o fim do mundo. **Serrote**: Uma revista de ensaios, artes, visuais, ideias e literatura. Rio de Janeiro, n.39, p. 20-33, nov. 2021.
- _. **Aprendendo e desaprendendo no fim do mundo**: o pensamento radical negro-travesti em enfrentamento a pedagogia colonial. Conferência apresentada no Interdisciplinary Centre for Research in Curriculum as a Social Practice da University of Western Ontario em março de 2022, com título “Learning and Unlearning at the End of the World: Toward a Trans Black Radical Imagination Against Pedagogical Colonialism”. Tradução: Vinícius da Silva.
- _. **Fragmentos do porvir**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2022. p. 168
- DE PERRA, H. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 291–298, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i2.12896. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- FAVERO, Sofia. **Crianças Trans: infâncias possíveis**. 1. Ed. Salvador: Editora Devires, 2020.
- FAVERO, Sofia; MACHADO, Paula Sandrine. Amapôas e Bofes já estavam aqui: reencontrando a cisgeneridade dos trópicos. In: NOGUEIRA, Gilmaro; MBANDI, Nzinga; TRÓI, Marcelo (org.). **Lugar de Fala: conexões, aproximações e diferenças**. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2020. 51-60.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 2020.

FERREIRA da SILVA, Denise. **A Dívida Impagável**. 1. ed. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COTA, Marisa Vorraber, BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P 117 – 140.

GONÇALVES, M. H. Reflexões contrapedagógicas: desaprender e incendiar não são coisas que se pode separar. **REVISTA POIÉISIS**, v. 20, n. 33, p. 41-54, 7 jun. 2019.

GUERRA, Lucí A. Corpo Monólito: Anunciação.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 13 fev. 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KUIAVA, José; SIERRA, Jamil Cabral; WIACEK, Juslaine de Fátima Nogueira. A escrita de si na formação acadêmica e a possibilidade de inventariar-se em memórias-histórias de vida. **Revista de Literatura, História e Memória**, [S. l.], v. 5, n. 6, p. 163–184, 2009. DOI: 10.48075/rlhm.v5i6.3136. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/3136>>.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, 2004. p. 27-43

LEAL, abigail. me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. In: **Pandemia Crítica**, n.052. São Paulo: n-1 edições, 2020.

LIMA, Diane. Não me aguarde na retina. **SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 28, p. 245- 257, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _ (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 07-42

_. **Um corpo estranho.** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004)

_. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, sociedade e cultura**, n. 25, 2007, 235 - 245

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista. In: **concinnitas**, vol. 01, n. 28. ISSN 1981-9897. Rio de Janeiro. SET 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>>

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora.** 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos. In: FERREIRA da SILVA, Denise. **A Dívida Impagável.** 1. ed. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 15 – 32.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo: feminismos plurais.** 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a educação.** 1. Ed. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. **O Diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** 1. Ed. Salvador: Editora Devires. 2020

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. Trejeitos e Trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! In: OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. **Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero.** 1. Ed. Salvador: Editora Devires, 2020. p. 75-110.

PRECIADO, Paul B; MARCONDES NOGUEIRA, Fernanda Ferreira (trad.). Quem defende a criança queer? **Jangada: crítica | literatura | artes, [S. l.]**, n. 1, p. 96-99, 2018. DOI: 10.35921/jangada.v0i1.17. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 08 fev. 2022.

PRECIADO, Paul B.. **Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era da farmacopornográfica.** 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_. **Um Apartamento em Urano: crônicas da travessia.** 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SIERRA, Jamil Cabral. Memórias do sexo: a construção de um itinerário de pesquisa em gênero, diversidade sexual e educação. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.) **Narrativas de identidades sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2015. 259 – 281.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero informes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244f. Dissertação (mestrado multidisciplinar) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. **EUA: 1992**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/266100494/Wittig-Monique-O-Pensamento-Hetero-pdf>, 1992. [texto sem paginação]